

METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA

Campinas, 05 / 2009

Edilene A. Ropoli - FE / UNICAMP
edileneropoli@gmail.com

Métodos e Tecnologias

Educação Continuada em Geral

Descrição de Projeto em Andamento

Experiência Inovadora

Resumo: *a educação a distância tem se apresentado como uma das alternativas para programas de formação continuada de professores em exercício nos programas de Governo, porém muito se questiona a proposta de uma educação a distância centrada na transmissão de conteúdos. Este artigo traz uma experiência de um curso formação de professores, oferecido na modalidade a distância, a partir de uma proposta pedagógica que se fundamenta numa metodologia ativa de aprendizagem: a aprendizagem colaborativa em redes, uma proposta educacional centrada participação ativa dos alunos. Ao apresentar a avaliação dos alunos sobre a metodologia e sobre a modalidade de educação a distância, pode-se concluir que as metodologias ativas de aprendizagem trazem novas perspectivas para que possa ser desenvolvida uma educação a distância colaborativa, onde todos, tutores e alunos, participam do processo de construção do conhecimento.*

Palavras-chave: metodologias ativas de aprendizagem, formação continuada, educação a distância, aprendizagem baseada em problemas.

METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA

A formação de professores na modalidade de educação a distância (EAD) tem sido uma alternativa das políticas de formação continuada para atender às necessidades de formação dos professores em exercício. Se por um lado isso se justifica pela flexibilidade de horários que permite a participação dos professores e abrange grandes espaços territoriais, principalmente em se tratando de programas nacionais de formação, por outro lado corre-se o risco de desenvolver programas de formação massificados para atender um grande público e descontextualizados das realidades locais dos alunos participantes.

Sabendo-se que a educação a distância tem características que permitem resignificar o tempo e o espaço em educação, rompendo com o paradigma da educação estritamente presencial, o desafio é elaborar projetos de formação continuada em EAD que de fato contribuam para a formação do professor em exercício.

Este artigo tem por objetivo trazer a experiência de um curso de formação no qual as estratégias de educação a distância foram desenvolvidas a partir de uma proposta pedagógica baseada na aprendizagem por resolução de problemas, denominada Aprendizagem Colaborativa em Rede (ACR) que, por sua vez, está fundamentada na Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) ou *Problem Based Learning* (PBL).

A ABP desenvolvida na modalidade a distância tem se apresentado como uma metodologia inovadora na formação profissional e acadêmica. Esta metodologia traz novos modelos de produção e organização do conhecimento e, conseqüentemente, inovações nas estruturas curriculares. A principal característica do ABP, assim como de todas as metodologias ativas de aprendizagem, é colocar o aluno no centro do processo educativo, dando-lhe autonomia e responsabilidade pela sua aprendizagem por meio da identificação e análise dos problemas e da capacidade para formular questões e buscar informações para ampliá-las e respondê-las. E, a partir daí, recomençar o ciclo

com novas questões, processos de aprendizagem e questionamento da realidade.

Baseando-se na ABP, a metodologia ACR apresenta como características principais o fato de ser centrada no aluno, de se desenvolver em pequenos grupos, apresentar problemas contextualizados, ser um processo ativo, cooperativo, integrado e interdisciplinar. Estimula o aluno a desenvolver os trabalhos em equipe, ouvir outras opiniões, a considerar o contexto ao elaborar as propostas das soluções e, principalmente, conscientiza o aluno do que ele sabe e do que precisa aprender e motiva-o a buscar as informações relevantes, considerando que cada problema é um problema e que não existem “receitas” para solucioná-los.

A metodologia é desenvolvida em etapas que incluem trabalhos individuais e coletivos. As etapas compreendem a elaboração de estudos dirigidos, apresentação e discussão do problema, pesquisas de outras fontes, propostas de soluções para o problema, elaboração de um plano de atendimento, socialização, reelaboração da solução do problema e do plano de atendimento e auto-avaliação.

As características da metodologia ACR vão ao encontro do perfil do aluno que mais se adequa às estratégias da modalidade de educação a distância. Este aluno é autônomo, tem uma motivação pessoal e/ou profissional, sabe organizar-se no tempo e no espaço, tem auto-disciplina, possui grande capacidade de resolver problemas e possui um bom nível de letramento digital.

Este artigo refere-se à avaliação do curso de aperfeiçoamento de professores em Atendimento Educacional Especializado (AEE) oferecido em 2008 na modalidade a distância, promovido pelo Ministério da Educação - Secretaria de Educação Especial (SEESP), em convênio com a Universidade Federal do Ceará (UFC) e financiado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). O curso se fundamenta numa concepção político-pedagógica que atende às diretrizes da SEESP / MEC de acordo com o decreto nº 6.571, de 17 de Setembro de 2008, que tem por finalidade ampliar a oferta do atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular.

Foram atendidos 147 municípios distribuídos nos estados brasileiros, 2100 alunos, num total de 161 turmas. Cada turma era composta de um tutor e doze a quinze alunos. Estes alunos estavam divididos em trios. Um trio pertencia ao município-pólo definido pela SEESP e os demais trios pertenciam aos municípios de abrangência que foram definidos a partir de critérios também estabelecidos pela SEESP, entre eles a distância entre o pólo e a abrangência e o número de habitantes.

As 161 turmas foram divididas em quatro grupos. Para cada 40 turmas foram designados um supervisor de EAD e quatro supervisores de conteúdo. Os supervisores de EAD, vinculados à coordenação de EAD, responderam pelas questões técnicas relacionadas ao uso e ao desempenho do ambiente virtual. Os supervisores de conteúdo, vinculados às respectivas coordenações de áreas de deficiência física (DF), mental (DM), visual (DV) e surdez (PS), responderam pelas questões relacionadas ao conteúdo e atividades do curso. Estes, por sua vez, estavam vinculados a uma coordenação acadêmica. Na equipe também conta uma coordenação administrativa responsável pelo financeiro e pelas relações entre a UFC e as Instituições envolvidas.

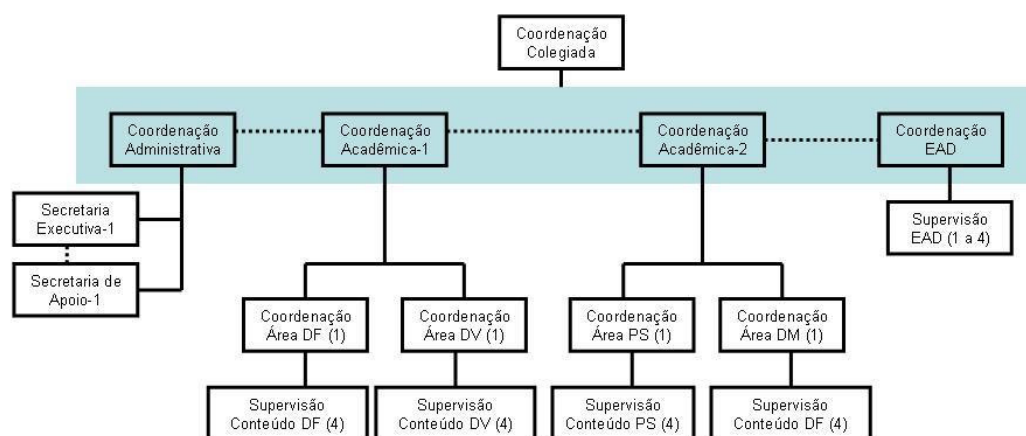


Figura 1: Estrutura do Curso

O desenvolvimento do curso se deu em seis módulos. O primeiro, introdutório, sobre AEE. Do segundo ao quinto módulo foram tratadas as deficiências específicas. O sexto módulo foi dedicado à realização do trabalho de conclusão do curso, perfazendo um total de 180 horas distribuídas ao longo de 32 semanas no período de abril / 2008 a novembro / 2008.

O curso usou o ambiente TelEduc como apoio às atividades a distância. Foram abertas 16 áreas com dez turmas de diferentes regiões do país. Nessas áreas foram disponibilizados os materiais de apoio e as atividades e foram abertos espaços de interação e espaços para publicação dos trabalhos dos participantes.

Durante o curso foram realizadas várias avaliações. Ao final deste foi aplicada uma avaliação para todos participantes abordando vários aspectos do curso. Para este artigo serão considerados os itens relacionados ao público alvo, à metodologia ACR e à modalidade de EAD.

Sobre o Público Alvo

Dos alunos inscritos, 1782 alunos foram aprovados, 328 reprovados e 36 cancelados. Os resultados mostram que o índice de reprovação (18,41%) e o índice de cancelamento (2,02%) foram baixos em relação a cursos oferecidos na modalidade a distância. O maior índice de reprovação se concentrou na região norte (50,23%), seguido da região nordeste (18,18%). Isso se explica pelas dificuldades, em especial da região norte, de acesso à internet e às dificuldades de locomoção entre os municípios de abrangência ao município pólo, onde percorrer 100 quilômetros pode levar até três dias, dependendo das condições climáticas.

REGIÃO	APROVAÇÃO	REPROVAÇÃO	%	CANCELAMENTO	%	TOTAL
DF	12	2	16,67	1	8,33	15
NORTE	221	111	50,23	6	2,71	338
NORDESTE	528	96	18,18	7	1,33	631
CENTRO-OESTE	202	28	13,86	9	4,46	239
SUDESTE	496	51	10,28	8	1,61	555
SUL	323	40	12,38	5	1,55	368
TOTAL	1782	328	18,41	36	2,02	2146

Tabela 01: Total de Alunos

Um dos objetivos do curso era priorizar a formação dos professores que já estavam atuando com o AEE ou com perspectiva de atuar. As estatísticas mostram que apenas 19,08% corresponderam ao público alvo. Pode-se considerar que os que atuam em sala comum, sala especial ou escola especial são candidatos a futuros concursos para atuar em AEE. Porém um grande percentual (24,60%) indicou “outras atuações profissionais”, que poderão ser identificadas futuramente a partir dos perfis dos alunos.

Em relação à formação acadêmica, observamos um percentual significativo de alunos que não possuem o nível superior completo (4,52% + 1,02%), o que impede que esses alunos venham a participar de uma possível especialização ou de concursos para os quais o nível superior é condição obrigatória.

Sobre a Metodologia

A etapa de socialização era realizada nos encontros presenciais. Esta etapa foi considerada a mais relevante na metodologia (67,27%). Os encontros presenciais de fato são importantes, pois é um momento de trocas que vão além do que o virtual pode oferecer, em especial quando o acesso à tecnologia é restrito.

Os aspectos menos relevantes da metodologia, mas não insignificantes, foram a reelaboração da solução e do plano de AEE (53,91%) e a auto-avaliação (56,79%), pelo seu caráter repetitivo, seguidos do estudo dirigido (65,73%).

Além das enquetes, os relatos postados no fórum final da Avaliação do curso afirmam que as práticas pedagógicas aprendidas pela metodologia proposta os levaram a mudanças de atitudes nas escolas com relação aos deficientes e perceberem a real capacidade desses alunos no ambiente escolar.

“... Cada ser humano é um enigma, um mistério. A tendência de nos anteciparmos ao que o aluno é capaz de realizar e de aprender, a partir de uma dada atividade escolar, previamente adaptada, precisa ser substituída por um sentimento de confiança no que cada um consegue produzir quando motivado e pela valorização do que foi produzido, independentemente do nível do resultado alcançado. Sabemos que é possível, urgente e indispensável mudar a educação, com novos paradigmas, preceitos, ferramentas, tecnologias...”
(T019 VRSD)

Também é possível observar que o curso superou as expectativas dos participantes (professores-alunos e tutores). Grande parte deles cita que o curso deu a oportunidade de refletir sobre a inclusão, adquirir novos conhecimentos, proporcionar uma nova visão do AEE e uma maior segurança para desenvolver seus trabalhos.

"Este curso veio a dar seguimento na minha formação pessoal. A forma como está estruturado o curso, partindo do estudo de caso seguindo por uma linha de estudo dirigido, resolução do problema, plano de AEE e intervenções que conduzem a uma reflexão do que foi planejado, foi para mim muito proveitoso e de grande crescimento." (T087 GCSA)

Quanto à apresentação do AEE nos municípios, atividade complementar solicitada no 2º semestre do curso, foi um grande desafio para os alunos e tutores. Foi aberto um fórum em cada área para que os alunos postassem as impressões gerais deste encontro. Em grande parte foram avaliadas positivamente. Para este encontro foram envolvidos vários setores educacionais: escolas, prefeitos, secretários de educação, outras instituições que oferecem o serviço de atendimento. Muitos grupos foram solicitados para realizar mais apresentações. Alguns elaboraram um cronograma de apresentações para 2009 para abranger o maior número de pessoas possível. Houve um relato de um grupo que, ao fazer a apresentação para os pais, estes se mobilizaram para solicitar à prefeitura a adesão ao programa de inclusão.

Por se tratar de um ano de mudança de governo, alguns grupos foram solicitados a fazer a apresentação para o novo governo, demonstrando interesse dessas prefeituras em conhecer melhor o programa e quais os trâmites para se obter as salas de recursos e trabalhar a partir da perspectiva do AEE. Essas iniciativas indicam que o curso de fato trouxe mudanças no contexto nos quais os participantes estão inseridos.

Sobre a Educação a distância

O uso dos recursos tecnológicos que propiciaram a oferta do curso na modalidade a distância EAD foi avaliado sob diversos aspectos. Em relação ao ambiente virtual de aprendizagem TelEduc, a acessibilidade foi considerada boa pela maior parte dos participantes (44,32%), assim como a navegação (46,32%). A incidência do regular (26,19% e 24,70%, respectivamente) se deu devido à falta de familiarização dos alunos com as tecnologias e aos problemas de *link* do servidor hospedeiro do ambiente virtual de aprendizagem e da

instabilidade das instalações. No início, quando poucas ferramentas estavam sendo utilizadas, a plataforma foi muito elogiada pelos participantes. Porém, quando o uso das ferramentas foi intensificado, os problemas de conexão surgiram (meados do segundo módulo) e acompanharam o curso até o final. Alguns alunos citaram os problemas de rede e de uso da informática como sendo impeditivos de uma participação mais efetiva no curso e que muitas vezes as discussões eram realizadas somente no grupo de trabalho da própria cidade.

Quanto ao uso das ferramentas, a maioria também apontou como fácil (53,18%). De fato a proposta do TelEduc é ser uma ferramenta intuitiva, de fácil uso pelo usuário final, sem conhecimentos especializados de informática. O maior problema apontado no uso das ferramentas foi em relação ao uso do portfólio que ficou comprometido devido aos problemas de acesso à plataforma.

Em relação aos tipos de acessos, o percentual que acessa via linha discada é significativo (8,54%). Isso tem que ser considerado no momento de disponibilizar materiais e atividades na plataforma para um curso desta abrangência. Houve um percentual também considerável (3,29%) para outros tipos de acesso que não são banda larga (44,62%), nem linha discada e nem rádio (15,17%).

Em relação aos locais de acesso, a maioria acessa de suas residências (51,57%). O acesso na Secretaria e/ou Escola, que caracterizaria uma formação em serviço, apenas 11,13% e 6,52% respectivamente. Alguns – minoria – fazem uso de *lanhouse* (4,66%). O que não é possível inferir é se esse acesso foi constante ou só ocorreu em casos emergenciais.

Em relação à quantidade de horas semanais dispensadas para o curso, a maioria ficou na faixa recomendada pela coordenação do curso: entre cinco a dez horas semanais (43,01%). Porém houve um número significativo que acessava menos que cinco horas semanais (20,54%) e alguns que acessaram mais que dez horas semanais (7,70%).

Ao serem solicitados para avaliarem a organização do tempo, os alunos apontaram dificuldades para conciliar as tarefas de trabalho, de formação e as atividades pessoais. O planejamento inicial teve que ser alterado na maioria dos casos e algumas estratégias foram criadas, tais como a

colaboração da família para superar os desafios da tecnologia e os estudos em grupos organizados pelos próprios alunos. Grande parte dos alunos avaliou que a dedicação ao curso ocupou mais tempo do que o esperado e programado, mas essa extensão do tempo foi positiva porque as atividades e leituras eram interessantes e satisfatórias, o que nos leva a acreditar que a motivação se manteve presente ao longo de todo o curso.

Ao avaliar a modalidade de educação a distância, grande parte faria outros cursos e recomendaria cursos em EAD para outras pessoas (70,02%). Um número insignificante faria outros cursos, mas não recomendaria para outras pessoas (0,84%) e também houve quem não faria outros cursos em EAD (0,54%).

Embora a EAD tenha sido bem avaliada, é importante esclarecer que se trata de uma EAD com encontros presenciais e que esses encontros, coordenados pelos tutores, foram fundamentais para o êxito do curso. Outra diferenciação que merece destaque é que os tutores foram selecionados a partir de suas atuações nos municípios pólos. Ou seja, já eram pessoas comprometidas com a inclusão, envolvidas nos projetos de suas respectivas secretarias, e conhecedoras da realidade local.

Ainda avaliando a EAD, 45,97% diz que em EAD é necessário dedicar-se mais que na educação presencial, contrariando o senso comum de que cursos a distância são fáceis de serem realizados. Já 23,81% informou que a EAD demanda o mesmo esforço que a educação presencial e apenas 1,47% considera que a modalidade a distância é mais fácil que a educação presencial.

Conclusões Finais

A metodologia de aprendizagem proposta exige uma participação ativa do aluno. A princípio a ausência de “receitas” da ACR causou certo estranhamento aos alunos, pois estes foram formados no sistema tradicional de ensino no qual se colocam numa posição passiva frente ao professor detentor do conhecimento. Durante o processo, o “estranho” se tornou comum e os alunos começaram a sentir o prazer da descoberta quando se colocam como protagonistas do processo de aprendizagem.

A junção da metodologia ACR com a modalidade EAD, ao longo da oferta do curso, potencializou a aprendizagem e possibilitou atender um

considerável número de pessoas distribuídas em uma grande extensão territorial, sem massificar o processo de ensino e aprendizagem. Isso foi possível devido ao projeto pedagógico proposto e ao trabalho desenvolvido pela equipe de formação, que tinha como orientação privilegiar a interação e minimizar a distância transacional entre os participantes.

Em geral, a EAD foi bem recebida como uma proposta de formação continuada. Na avaliação final do curso os alunos relataram positivamente a experiência em realizar um curso a distância, as novas aprendizagens na área de informática, o desafio de aprender de uma forma diferente do presencial e a quebra do preconceito em relação à EAD, que para muitos se caracteriza como cursos fáceis e descompromissados.

Para dar prosseguimento a este trabalho, recomenda-se um estudo da atuação profissional desses alunos em seus municípios a fim de verificar se houve uma mudança efetiva no que se refere ao assunto inclusão. Ou seja, analisar de que forma a educação, nestes municípios, está sendo conduzida na perspectiva da educação inclusiva que garante o direito a todos os alunos – portadores ou não de deficiências - de freqüentarem a sala de aula comum nas escolas e, para os deficientes, o direito de ter assegurado o atendimento educacional especializado.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, U. F. & VILARRASA, G. S. (2008) El Aprendizaje Basado em Problemas: Una nueva perspectiva de la enseñanza em la universidad. Ed. Gedisa, Barcelona (Espana).
- KENSKI, V. M. (2008) Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas (SP): Papirus.
- MASETTO, M. T. (2007) Inovações Curriculares na Educação Superior. Anais do I Seminário "Inovações em Atividades Curriculares: experiências na Unicamp".
- MEC (2008). Decreto No 6.571, de 17 de setembro de 2008.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm [acessado em 10/05/2009]
- ROPOLI, E. (2008) A importância do processo de formação para diminuir as resistências quanto ao uso de novas tecnologias na educação.
http://www.ccuac.unicamp.br/ead/index_html?foco2=Publicacoes/78095/696384&focomenu=Publicacoes [acesso: 30/04/2009].